

Machado, Giancarlo Marques Carraro (2022). A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade. São Paulo: Hucitec.

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi
Doutorando em Antropologia Social/Universidade Federal de São Carlos
<https://orcid.org/0000-0001-9819-826X>
gabrielmoreiramonteiro@yahoo.com.br

O segundo livro publicado por Giancarlo Marques Carraro Machado é oriundo de sua tese de doutorado em Antropologia Social desenvolvida pelo autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), com orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. Neste trabalho, é realizado um denso aprofundamento nos temas observados e discutidos pelo pesquisador em seu primeiro livro “De “carrinho” pela cidade: a prática do skate em São Paulo”, (Machado, 2014), publicado a partir de sua dissertação de mestrado. Tais desdobramentos nas práticas etnográficas junto a skatistas, com ênfases na cidade de São Paulo, trazem como componentes principais do livro “A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade” (Machado, 2022), processos e dimensões políticas sobre as formas de se apropriar da cidade, pensados a partir de redes de sociabilidade skatistas, usos da cidade por parte destes e relações com governanças públicas e demais sujeitos implicados nos processos de experimentação e organização da cidade.

O livro é dividido em duas partes, subdivididas em dois capítulos cada. Na primeira parte, “Dinâmicas da cidadinidade”, diversas situações vivenciadas pelo pesquisador e relatadas por seus interlocutores indicam para implicações das práticas skatistas-citadinas na cidade de São Paulo: reformas de praças públicas utilizadas pelos skatistas, a procura por “picos”¹, novas centralidades na cidade e variados significados sobre a prática

1 Um “pico” é termo utilizado para designar um lugar skatável, pode se referir tanto a um equipamento específico (uma borda na escadaria de acesso a um viaduto) ou uma ampla praça pública.

e a cidade. Na segunda parte, “Enquadramentos da cidadinidade”, questões sobre fazer cidade e fazer política são entrelaçadas em seus vínculos e conflitos com interdições e disciplinarizações dos usos do corpo, da cidade, dos skates, em geral alheios às vontades skatistas.

O livro, por conta de sua organização metodológica, concatenação de distintos temas com referenciamento teórico diverso, é muito relevante para estudantes e praticantes de distintos ramos da Antropologia urbana. Nas discussões desenvolvidas, temas, práticas e vivências ramificam-se e encontram-se em uma escrita fluída, como skatistas que transitam por entre distintos pontos de um “circuito”. Com efeito, destaca-se os constantes trechos do livro em que o autor realiza associações entre o que observara durante sua pesquisa de doutorado (entre os anos de 2013 e 17) e a de mestrado (entre 2009 e 11).

Ao longo de todo o livro a ideia de “cidadinidade” é discutida como um eixo central, tendo como principais disparadores para as análises situações etnográficas com skatistas, análises de materiais criados por estes, entrevistas, materiais de mídia, documentos diversos. A noção de “cidadinidade”, conforme parte o autor já na *introdução*, apontaria para uma “dupla relação”: “a dos cidadãos entre si e a deles com a cidade como contexto social e espacial” (Machado, 2022, p. 41). Nesta “dupla relação”, pluralidades de sentidos, porosidades e polifonias comporiam a construção da “São Paulo do skate”, sem definições *a priori*, mas em permanentes processos de construção, uma vez que compreendidas em suas dinâmicas relacionais, situacionais e conflituosas.

De forma diluída, mas alinhavada em si e ao eixo central da cidadinidade, ao longo dos capítulos do livro são aprofundadas discussões sobre a prática do skate como uma ação que transita entre “a rua” e “o esportivo”. No primeiro, prática que traz em si a exploração da cidade na procura por “picos” (os “lugares skatáveis”), e diretamente vinculada ao “street skate” e aos “streeteiros”, tem-se “a busca pela cidade”, trata-se “da busca por *picos* repentinos a fim de utilizá-los a partir de suas próprias lógicas” (Machado, 2022, p. 303). No segundo, como uma ação “esportiva”, fomentada por distintos agentes políticos e empresariais, e associada, por exemplo, à construção de pistas públicas (“skates parks”), e compreendidas pelo autor como “uma proposta civilizatória por vias esportivas” (Machado, 2022, p. 300).

No capítulo 3, tais conflitos entre as diferentes formas de se vivenciar o skate, recebem profundas análises. Mobilizações políticas de skatistas, propostas realizadas pela governança municipal da cidade de São Paulo - apresentando no livro, também, uma análise destas por parte de distintas gestões ao longo de ao menos três décadas - e seus distintos desdobramentos entre associações esportivas vinculadas ao skate (como

a Confederação Brasileira do Skate [CBS]), entidade reguladora do skate esportivo profissional nacionalmente, e diversificadas perspectivas de skatistas.

Este “caráter multifacetado” nos modos de praticar-pensar-praticar o skate, é revelado em detalhes etnográficos para além da dicotomia “street skate/skate esportivo”, antes, tais perspectivas são compostas em si por diversidades internas. São diferentes, por exemplo: os objetivos e as formas de se pensar uma sessão para captação de imagens da atuação dos skatistas; os modos de se conceber uma trajetória para profissionalização nos universos do skate; e, os próprios desenvolvimentos de um “olhar skatista” sobre a cidade ou sobre uma pista cuja construção dos obstáculos fora realizada visando direcionar as possibilidades de manobras. Nas sociabilidades skatistas, percepções individuais sobre a cidade e o skate são rapidamente coletivizadas.

As diferentes situações apresentadas e analisadas ao longo do livro revelam diferentes aspectos das redes de sociabilidades tecidas por e entre skatistas, envolvidas por diferentes tipos de laços, atuações e sujeitos. As variadas fontes documentais e de dados, como entrevistas aplicadas pelo pesquisador e consultadas a partir de mídias especializadas em skate e mídia de massas, por exemplo, fortalecem as percepções múltiplas e polifônicas sobre o fenômeno central do livro.

Estes conjuntos e (re)combinações de práticas e perspectivas, conflituosas e em disputas, podem ser ilustradas em uma das discussões desenvolvidas no livro. Se entidades esportivas como a CBS organizam rankings que categorizam e hierarquizam os praticantes profissionais do skate, é possível encontrar um anúncio publicitário de uma marca de produtos direcionados aos praticantes do skate de rua que ironiza a própria existência do ranking, enaltecendo (e associando aos seus produtos) um skatista profissional por ser “Último lugar no ranking brasileiro profissional”: “A ideia de competição é, com efeito, recomposta: neste caso o que está em jogo é a conquista da cidade” (Machado, 2022, p. 285).

Esta “conquista da cidade” (busca que faria parte de um “rolê” com skatistas de rua) vivenciada sistemática e proximamente pelo pesquisador, mobiliza discussões sobre distintas perspectivas relacionadas aos modos de se pensar e construir a cidade, na trilha para pensar a cidadania. Relevante termo no livro, apresentado em situações distintas - aqui destaca-se uma na região central de São Paulo e outra relatada por um skatista brasileiro em Barcelona - diz respeito ao “olhar skatista” (Machado, 2022, p. 38). A observação de estruturas físicas pelas cidades com tal olhar permite identificar “um *pico* não explorado” (Machado, 2022, p. 120) e “*picos* que ninguém nunca andou (...) *picos* que não tem nenhuma marca de skate” (Machado, 2022, p. 297). Identificar um novo “pico” é

identificar uma estrutura “skatável”, isto é, uma micro parte da cidade, passível de receber manobras; descobrir um “pico” é, simultaneamente, redescobrir a cidade, o skate e o próprio corpo, encontrar uma nova manobra em um “pico” já conhecido, igualmente.

As situações etnográficas, como as indicadas acima, trazem leituras e análises com distintas associações teóricas da Antropologia urbana. É frequente o diálogo com conceitualizações de cidade e cidadinidade de antropólogos como Heitor Frúgoli Jr., Isaac Joseph, José Guilherme C. Magnani, Michel Agier, Michel de Certeau, Teresa Caldeira, Vera Telles e Sharon Zukin.

Dentre tais, ressalta-se discussão realizada em diálogo com o conceito de “Paisagens de poder” (Zukin, 2000), que percorre distintos capítulos do livro e contribui para a construção de entendimentos sobre como as atuações de skatistas no tecido urbano paulistano ora conflitam, ora convergem, com perspectivas de cidade ditadas pelo poder político econômico vigente. Sobre tal questão, destaca-se do livro - no capítulo 2, voltado à discussão sobre a construção de cidade pelos skatistas - o subtópico “Ande de skate e construa”. Neste o pesquisador acompanha conflitos e mediações entre skatistas, comerciantes (de alimentos para consumo imediato, taxistas), trabalhadores de segurança pública e privada, e administradores de prédios empresariais, sobre o uso pelos skatistas de uma pequena via “demasiada curta, sem saída”, o “Beco do Valadão”, na zona oeste de São Paulo (Machado, 2022, p. 169/175).

O pequeno trecho de rua, entre dois prédios empresariais em uma região enobrecida da cidade, recebia *apenas* um ponto de táxi quando skatistas a identificaram como um possível “pico”. Foi iniciada uma frequência ao local para a realização de “rolês” e manobras, seguido de elaboração improvisada de obstáculos e construção (em alvenaria) de obstáculos pelos skatistas. A construção do *pico*, cujo financiamento e mão de obra foram coletivizados pelos skatistas frequentadores do mesmo, e a constância de suas presenças em uma das regiões da cidade que são “gerenciadas como meras mercadorias” (Machado, 2022, p. 155), desconfigurou os usos que haviam sido planejados pelos que detém poder sobre aquela paisagem. No período etnografado tratava-se de um “Refúgio citadino em meio a uma “paisagem de poder” detentora de uns dos metros quadrados mais caros de São Paulo” (Machado, 2022, p. 174).

Conforme os dados disponíveis no livro, os conflitos narrados envolvendo o uso do “Beco do Valadão” ocorreram em meados do ano de dois mil e quinze. Durante a leitura do livro, para elaboração da presente resenha, em novembro do ano de dois mil e vinte três, portanto, cerca de oito anos após a etnografia que compõem o livro, realizei uma visita ao local, que passou a ser uma área inacessível, seja para skatistas, comerciantes

de alimentos, taxistas e cidadãos em geral: um alto tapume de metal, parafusado em suas base e laterais, impede o acesso ao “Beco”.

Se a região do “Beco do Valadão” fora interdita aos usos identificados pelo “olhar skatista”, por outro lado, regiões como a da Luz, no período da pesquisa de campo, receberam estímulos da gestão pública para usos por skatistas, entendendo que este poderiam contribuir para “recuperar áreas consideradas degradadas do centro metropolitano de São Paulo” (Machado, 2022, p. 251). A problematização ao redor do direcionamento dos espaços propícios ou não à prática do skate, por parte do poder público municipal, a tentativa de utilizar o desejo skatista como ferramenta para “dispersar demais cidadãos por vezes considerados como marginais, como usuários de drogas e moradores de rua” (Machado, 2022, p. 253) leva o autor a discutir a questão “Skatistas: tropa de choque da gentrificação?”, no capítulo 4 (Machado, 2022, p. 245/258).

Toda a construção, da pesquisa e do livro, é guiada pela observação dos modos de apropriação de lugares por skatistas a partir de uma “etnografia multi-situada”, desenvolvida em considerável extensão socioespacial, perpassando distintas regiões da cidade de São Paulo e alguns dias na cidade de Barcelona, apresentada no capítulo 4 como “A meca do skate” (Machado, 2022, p. 286/297) entre skatistas originários de distintos países. Tal “etnografia multi-situada”, se desloca pela cidade de São Paulo junto de skatistas, com ênfase em regiões centrais, no entanto, as redes skatistas frequentadas pelo pesquisador o levam, antes de Barcelona, ao distrito de Cidade Tiradentes, zona leste da cidade.

A etnografia na Cidade Tiradentes aprofunda a questão central no livro e relacionada à cidadania, trazendo discussões sobre a construção histórica da região como uma “cidade dormitório” em que “tais ganhos habitacionais não vieram acompanhados por uma urbanização mais consistente, logo, com a escassez de espaços que permitissem a constituição de formas de sociabilidade mais duradouras” (Machado, 2022, p. 132). Ali, as ruas se tornaram os principais locais de atuação, não só para skatistas: “a análise da prática do skate de rua é uma via de acesso para a compreensão da cidadania numa das maiores metrópoles do mundo” (Machado, 2022, p. 41).

Nesse sentido, entre a região central de São Paulo, o bairro de Cidade Tiradentes e “picos” em Barcelona, a metodologia de “etnografia multi-situada” é discutida pelo autor na subseção da introdução intitulada “Etnografando manobras” (Machado, 2022, p. 44-48). A construção conceitual se dá por meio de diálogos com Bruno Latour, Loïc Wacquant, Mariza Peirano, Michel Agier, Michel De Certeau, com ênfase para George Marcus, em que, aponta o autor, “deve-se seguir as pessoas, as coisas, as metáforas, os argumentos, histórias, as

vidas, os conflitos etc.” (Machado, 2022, p. 45). A prática etnográfica assim fundamentada se espalha menos por lugares e mais por sujeitos e práticas: os desdobramentos da pesquisa de campo se dão imbricando-se às redes de relacionamentos. Atuar etnograficamente de maneira multi-situada, portanto, e no escopo do livro, é percorrer, com mais poros do que barreiras físicas, com mais “picos skatáveis” do que impedimentos, a “cidade do skate”.

Os cenários e as situações etnografadas pelo pesquisador, convergem para distintos temas do livro, como a cidadania e a esportivização relacionadas ao skate em São Paulo, a atuação coletivizada dos skatistas e políticas públicas desenvolvidas por distintas gestões da governança paulistana: as distintas práticas do skate, a construção de pistas e a promoção de campeonatos. É destacado, no entanto, como a tentativa de “esportivização da cidadania” tem como objetivo a “regulação dos usos dos espaços urbanos” (Machado, 2022, p. 302), uma vez que alguns aspectos da prática são valorizados e estimulados em detrimento de outros.

Ao tensionar o desenvolvimento de políticas públicas e ações institucionais com perspectivas e demandas dos skatistas, o livro - especialmente nos capítulos 3 e 4 - promove densas discussões sobre direito à cidade, gentrificação e, em larga escala, a construção de uma cidade democrática (ou não). Sob outra perspectiva, da construção do trabalho antropológico com etnografias em contextos urbanos, uma leitura atenta do livro convida a pensar sobre formas criativas e minuciosas de encontrar, durante a etnografia, caminhos, situações e sujeitos para aprofundar problemáticas identificadas durante a própria etnografia.

Por fim, street skate, skate esportivo, cidadania e política se entrecruzam em imbricadas relações, em que governanças da cidade e empresas privadas promovem reformas em parques públicos, a construção de pistas e “skate parks”, e a promoção de campeonatos - portanto, vinculados ao skate como prática esportiva. Tem-se como intuito desmobilizar as práticas do street skate, uma vez que concomitantes a toda uma série de impedimentos e conflitos sobre o uso de lugares diversos da cidade, identificados pelos skatistas com seus “olhares skatistas”: “Trata-se, com efeito, de uma proposta civilizatória por vias esportivas, uma forma de adestrá-los espacial, corporal e moralmente” (Machado, 2022, p. 300). Desviar-se das interdições, praticar o olhar skatista e agenciar-se pela cidade, os desafios da cidadania para a cidade do skate.

Referências

Machado, Giancarlo Marques Carraro (2014). *De “carrinho” pela cidade: a prática do skate em São Paulo*. São Paulo: Editora Intermeios/FAPESP.

Machado, Giancarlo Marques Carraro (2022). *A cidade do skate: sobre os desafios da cidadania*. São Paulo: Hucitec.

Recebido em 22 de julho de 2024.

Aceito em 26 de fevereiro de 2025.